



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DE LETRAS

SHYRLEYM PEREIRA DA SILVA

**A PRESENÇA DA PERSONAGEM NEGRA FEMININA NA
LITERATURA BRASILEIRA**

PICOS

2021

SHYRLEYM PEREIRA DA SILVA

**A PRESENÇA DA PERSONAGEM NEGRA FEMININA NA
LITERATURA BRASILEIRA**

Artigo apresentado ao Curso de Letras
Português da Universidade Federal do Piauí
(UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de
Barros, como requisito parcial para obtenção
do título de Graduado em Letras.

Orientador: **Prof. Dr. Selmo Ribeiro
Figueiredo Junior**

PICOS

2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte, 905 – Junco, CEP 64600-000 – Picos, Piauí
Fone (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às dez horas (10h) do dia treze de outubro de dois mil e vinte e um (13/10/2021), via Google Meet, no âmbito do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI/CSHNB), Picos, Piauí, sob a presidência de Selmo Ribeiro Figueiredo Junior, reuniu-se a Banca Examinadora da defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna **Shyrleym Pereira da Silva** com o título *A presença da personagem negra feminina na Literatura Brasileira*. A Banca Examinadora ficou assim constituída: **Prof. Dr. Selmo Ribeiro Figueiredo Junior** (Orientador-Presidente), **Prof.ª Dr.ª Elzira Divina Perpétua** (Primeira Examinadora) e **Prof.ª Dr.ª Franciane Conceição da Silva** (Segunda Examinadora). Foram registradas as seguintes ocorrências públicas: (1) o Presidente introduziu a aluna; (2) a aluna apresentou seu Trabalho de Conclusão de Curso; e (3) os membros da Banca Examinadora tecerem questionamentos e propuseram correções e mudanças. Na sequência, a Banca Examinadora resguardou-se do público para julgamento do desempenho da aluna e para atribuição de notas, as quais são OITO E MEIO (8,5), OITO E MEIO (8,5) e OITO E MEIO (8,5), cuja média, como nota final, é, portanto, OITO E MEIO (8,5), o que confere à aluna o *status* de APROVADA e, por consequência, o título de LICENCIADA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA por esta instituição. Para devidamente registrá-lo, eu, Selmo Ribeiro Figueiredo Junior, lavrei a presente ata, sendo lida, aprovada e assinada por todos da Banca Examinadora. Picos, 13 de outubro de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Selmo Ribeiro Figueiredo Junior
Orientador-Presidente

Prof.ª Dr.ª Elzira Divina Perpétua
Primeira Examinadora

Prof.ª Dr.ª Franciane Conceição da Silva
Segunda Examinadora

A PRESENÇA DA PERSONAGEM NEGRA FEMININA NA LITERATURA BRASILEIRA

Shyrleym Pereira da Silva

RESUMO: O presente trabalho, de natureza bibliográfica, discute a representação negra feminina na literatura nacional. No escopo, entre outros aspectos, trata-se: da caracterização de personagens femininas pretas; da (des)valorização da arte literária produzida por mulheres; da contribuição feminina para o campo literário nacional do contraste entre o feminino e o masculino na literatura. Após uma introdução e antes das considerações finais e das referências, a discussão se divide em quatro seções: (1) “Compreensão do fazer literário feminino”, (2) “Espaço literário marcadamente feminino”, (3) “Personagens negras à margem da literatura nacional” e (4) “Representação das personagens negras femininas”. Esta última traz excertos literários que servem como âncora concreta adicional ao que se pondera nas seções anteriores. O aporte bibliográfico conta com Evaristo (2009), Dalcastagné (2007), Branco (1991) e Beauvoir (1970), entre outras. Como resultado do trabalho, demonstra-se a sub-representação literária conferida às personagens negras, sobretudo quando observada na escrita de autores homens.

Palavras-chave: Personagens negras. Visibilidade. Literatura nacional.

INTRODUÇÃO¹

Por muito tempo, a mulher esteve relegada ao espaço do lar, ocupando papéis inferiores, sendo frequentemente reduzida à função de reprodutora da espécie humana e aos afazeres domésticos. Elenca-se ainda a questão de as mulheres negras escravizadas estarem inseridas nas senzalas, ou ao fundo das cozinhas das senhoras brancas, espaços nocivos e desprestigiados. Contudo, a representação do feminino na história necessita ir além disso, sobretudo no que diz respeito à história nacional. A mulher é um elemento-chave do

¹ Meus agradecimentos ao professor Selmo R. Figueiredo Jr. pela orientação bem como à professora Elzira Divina Perpétua (avaliadora titular), à professora Franciane Conceição da Silva (avaliadora titular) e à professora Vanessa Neves Riambau Pinheiro (avaliadora suplente) por aceitarem constituir a banca examinadora.

progresso social, pois em muito contribuiu e segue contribuindo para a construção e o desenvolvimento da história, pois como afirma Pereira e Carmo (2015), a mulher fixa-se no contexto do não silenciamento e do rompimento de limites que lhe foram impostos no decorrer do tempo.

No que tange à literatura, é possível defini-la de acordo com o que nos diz Luciana Oliveira de Sousa (2012): “A literatura é a tentativa do homem escritor de criar uma realidade que possa ser exibida no mundo real e modificar as estruturas da sociedade humana” (SOUSA, 2012, p.5). Todavia, é evidente que ela, em sua natureza artística, foi por um longo tempo domínio masculino. A maioria dos homens era branca, heterossexual e originária da classe média, de forma que as minorias não obtinham oportunidades para se firmar no campo do fazer literário. A sociedade preza(va) a branquitude, o elitismo e o gênero masculino em detrimento do feminino. As mulheres sempre escreveram, porém, tinham suas produções invisibilizadas devido à constituição do patriarcado. Historicamente falando, a literatura tornou-se um campo excludente quando trata-se da mulher como protagonista, fato que independe da importância e das contribuições das obras literárias femininas.

Desse modo, quem são as mulheres às quais a crítica literária e o público leitor como um todo têm destinado pouca atenção? Não se trata apenas de autoras brancas que produzem literatura, mas também das pretas, integrantes das produções literárias. Estas, por muitas vezes, passam despercebidas no campo literário. Que não se cometa o equívoco de acreditar que isso ocorre em virtude de seus escritos serem menos enriquecedores ao tecido literário. Trata-se, na verdade, dos resquícios da não valorização das obras produzidas por mulheres negras. O assunto é, de um modo geral, um tecido social extremamente escravocrata e racista, e disso advém a desvalorização dessa Literatura negra feminina.

Mantendo-se sempre em vista o pressuposto de que não se valoriza aquilo que não se conhece, como lembra Vanessa Aparecida Ventura Rodrigues (2020) em sua dissertação *O estigma da branquitude nos escritos de Lygia Fagundes Telles*, é necessário nomear as mulheres negras. Aliás, elas não estão representadas nas obras literárias como mulheres que lutam contra o sistema patriarcal vigente. Isso ocorre devido a um problema de base do próprio sistema de escolarização, que adota, para fins de estudos, autores em sua grande maioria do sexo masculino e de cor branca, colocando escritoras pretas sempre à margem no cenário literário nacional.

A importância de debruçar-se sobre o presente tema justifica-se pela evidente necessidade de visibilizar o trabalho que é desenvolvido por mulheres, com ênfase em mulheres pretas na literatura, reputando que essa não é uma questão meramente literária, pois ela se imbrica com o social, tendo-se em vista que não há como dissociar literatura de sociedade.

Além da busca de autoras pretas para o entendimento como tais, há ainda a busca da população preta pelo reconhecimento de quem são, pelo autorreconhecimento. Assim, este trabalho trata da contemplação da arte literária realizada pela mulher, sobretudo pela mulher preta. Aí, importa sua representação, com a consciência de que ela se insere em um universo literário masculinizado e de que é preciso que as mulheres se sintam acolhidas, valorizadas e propriamente representadas não só por outras mulheres, mas pela sociedade.

Este trabalho é bibliográfico, e nele buscou-se a realização de leituras e de reflexões sobre o tema. Foram realizadas extrações consideradas importantes para revelar os temas acerca do feminino e da mulher preta. Houve ainda o interesse por colocações de crítica literária. Em suma, o intento é discutir a questão. Para esse fim, as obras de Branco (1991), Mendes (2009) e Dalcastagné (2007), entre outras, serviram de aporte teórico. Afinal, priorizar obras escritas de acordo com a perspectiva feminina é uma forma de contribuir para sua valorização.

1 COMPREENSÃO DO FAZER LITERÁRIO FEMININO

No Brasil, há centenas de faculdades de Letras, em que um questionamento aos jovens graduandos sobre o arsenal literário produzido por mulheres pode ter como resultado, mesmo entre as mulheres, uma reação menos eloquente do que aquela relativa à produção masculina. Parece-nos um dado evidente, infelizmente, que mulheres não são incentivadas a lerem obras formuladas por outras mulheres, menos ainda aquelas mais especificamente formuladas por autoras pretas. Se isso é verdade, a consequência são futuros especialistas em literatura conhecerem pouco ou quase nada de obras escritas por mulheres.

O ato de escrever e desenvolver estudos que arrolam temas femininos pode vir a tornar-se algo complexo, porque a bagagem literária dos autores tende a ser em baixa

frequência e não muito incentivada na academia. Acerca da escrita das mulheres, assevera Nelly Novaes Coelho (1991):

A grande mudança, que o nosso século trouxe para a vida da mulher, foi evidentemente fator determinante para o surgimento da expansão de uma literatura feminina que, em qualidade, está no mesmo nível da produzida pelos homens (COELHO, 1991, p.95).

É inegável que a escrita feminina traz consigo algumas diferenças perceptíveis para o leitor, como aquelas referentes ao tom, à dicção e ao ritmo específicos às vezes insinuadas na escrita. Vez por outra, as próprias autoras se indagam a respeito da presença do feminino em seus textos, e muitas até a negam. Desse ponto, trata Branco (1991):

O mais interessante é que particularmente os textos dessas autoras expressam essa dicção que aqui se nomeia como feminina. Refiro-me a Adélia Prado e Lya Luft que, embora possuindo em seus textos uma enunciação marcadamente feminina, acabam por tentar negá-la através de alguns de seus depoimentos pessoais. É claro que o autor de um texto nem sempre (ou quase nunca) é aquele que mais sabe acerca de sua obra, é claro que entre intenção e gesto há uma grande distância, é claro que qualquer escrita fala mais do que pretende ou do que pensa estar falando. Entretanto, não deixa de ser curiosa essa tentativa de negação da diferença que se encontra em algumas escritoras, como se a diferença, em si, já marcasse alguma inferioridade, alguma incapacidade, algum mal (BRANCO, 1991, p.15-16).

Consoante a colocação da autora, mulheres estabelecem o estigma de inferioridade sobre si mesmas em suas próprias artes literárias. Tratam suas peculiaridades na escrita como algo ruim, que não deve ser observado por nenhuma crítica. É como se as diferenças precisassem ser negadas para que a suposta igualdade da escrita entre homens e mulheres se mantenha.

A escrita feminina simbolicamente realiza a inserção do corpo dentro do discurso, de forma que, quando se lê o texto feminino, encontra-se esse corpo como narrador, sendo mais que um signo, é antes uma representação. É o que se observa no trecho do texto de *Água viva* de Clarice Lispector (1973):

Mas estou tentando escrever-te com o corpo todo, enviando uma seta que se trinca no ponto tenro e nevrálgico da palavra. Eu corpo incógnito te diz: dinossauros, ictiossauros e plesiossauros, com sentido apenas auditivo, sem

que por isso se tornem palha seca, e sim úmida. Não pinto ideias, pinto o mais inatingível “para sempre”. Ou “para nunca”, é o mesmo. Antes de mais nada, pinto pintura. E antes de mais nada, te escrevo dura escritura. Quero como poder pegar com a mão a palavra (LISPECTOR, 1973, p.4).

Com isso, sabe-se que a relação da escrita com o corpo não é exclusiva de textos femininos, visto que o discurso é sempre atravessado pelo corpo, levando-se em conta que há sempre um autor por trás das palavras. O que ocorre é que o discurso feminino privilegia as ausências/presenças e busca fazer disso um lugar de representação.

É evidente a priorização do som e da voz em detrimento dos sentidos, do como se diz ao invés do que é dito. Depreende-se que, tanto para a dimensão de ser mulher quanto para a escrita realizada por mulheres, o corpo ocupa um dos lugares centrais e que o feminino tem essa característica de não se mostrar totalmente, mas de revelar-se aos poucos, algo que se transpõe nos textos, e, com isso, não se exclui a possibilidade de as marcas da escrita feminina misturarem-se às masculinas. Contudo, cada uma possui sua própria identidade, pois uma das afirmações possíveis em relação à escrita feminina é que ela se define pelo que não é a escrita masculina (BRANCO, 1991, p.23). Adicionalmente, entende-se que o feminino presente na escrita não é a mulher propriamente dita, mas sim se relaciona a ela. Ainda, que é aquilo que não tem uma essência masculina. Todavia, o feminino nem sempre entra em oposição com o masculino.

Nos anos finais do século XX, o Brasil passou por algumas mudanças culturais em seu tecido social. O divórcio e as relações entre mulheres maduras com rapazes passaram a ser um pouco mais recorrentes. Com a instauração da democracia, as relações de poder entre os sexos se alteraram, e o feminino começou a ganhar um pouco de representatividade em uma sociedade discriminatória. Essas transformações, mesmo caminhando a passos lentos até os dias atuais, são perceptíveis também no campo literário. É disso de que trata Appel (2010):

O acesso de um número crescente de mulheres às universidades, nas duas últimas décadas, é um fenômeno comum nos países latinos. Nesse sentido, é natural que a ficção também registrasse as mudanças operadas nas sociedades (APPEL, 2010, p.53).

No entanto, não há como negar que as raízes do patriarcado, sistema de exclusão e opressão de mulheres em campos onde a predominância é masculina, estão fortemente

enterradas no seio da atual sociedade, a qual enxerga a mulher como objeto de domínio masculino com o papel frequentemente reduzido a maternidade. Contudo, à luz da perspectiva de gênero, as mulheres e os estudos sobre mulheres de um lado e sobre mulher e literatura de outro lado têm provocado valorização da história feminina. Essas relações não tratam apenas das inserções em novos espaços nas instituições sociais como a família, a religião ou o mercado de trabalho, mas têm ainda conexão com a necessidade de preencher esses locais com a representatividade feminina.

Mas há algo que necessita ser galgado neste estudo com maior profundidade. Para isso, aqui se estabelece a questão da mulher preta que produz literatura e que, não raras vezes, não tem suas obras apreciadas e estudadas com tanto empenho como ocorre com autores brancos e autoras brancas. A presença da figura feminina preta na literatura surge de maneira subalterna e estereotipada. Isso ocorre devido ao silenciamento e à alienação que se arrastaram durante anos de colonização, o que contribuiu para anular a individualidade pessoal e coletiva da pessoa preta (RODRIGUES, 2020, p.31). Em uma retomada histórica, Rodrigues (2020) tem mais a dizer sobre o lugar subalternizado que o preto ocupou:

Importante salientar, também, o viés nacionalista do Romantismo Brasileiro (1836 – 1881), cujo preceito literário era construir uma identidade nacional em cima do primitivismo. Ali, a figura do índio aparece sempre como heroica, forte e sagaz enquanto a figura do negro sempre está envolta da submissão e da servidão (RODRIGUES, 2020, p.32).

O preto poucas vezes exerceu dentro da literatura um lugar de prestígio. O posto relegado a ele se reflete até os dias atuais na desvalorização que sofre a literatura de autoria preta, sobretudo aquela realizada pelas mulheres pretas. E para que não se deixassem cair no esquecimento as personagens pretas quando apareciam nas obras eram em sua maioria vistas pelo viés do sexismo, quase nunca como figuras com algum respaldo.

Ao olhar o feminino preto de maneira sexista, acaba-se negando a grande complexidade do que de fato é ser uma mulher preta. A esse respeito, Davis (1981) contribui: “As discussões incessantes sobre sua ‘promiscuidade sexual’ ou seus pendores ‘matriarcais’ obscureciam, mais do que iluminavam, a situação das mulheres negras durante a escravidão” (DAVIS, 1981, p.22). O fio que aqui se tece é de que o protagonismo na literatura, seja sobre

as autoras, seja sobre as próprias personagens de uma obra, raramente é preto, e quando o é, é uma figura feminina preta que o faz. Para ilustrá-lo, cite-se Maria Firmina dos Reis (1998):

[...] O comendador P... foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos, por que passaram, doeram-me até o fundo do coração! O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! (REIS, 1988, p. 71).

Maria Firmina foi uma romancista negra sem precedentes no Brasil, pois seu romance foi um dos primeiros a se posicionar contra a escravidão, e, nesse trecho, o discurso da mulher preta ecoa pela primeira vez na literatura brasileira através da personagem Susana, e ela exhibe o ponto de vista da personagem escravizada, consciente e sagaz, a respeito da brutalidade das violências praticadas pelos colonizadores brancos. Conjectura-se uma voz em tom político que reclama e denuncia as barbáries do colonizador branco português, cometidas sob a justificativa do poder e da conquista, mas que, na verdade, desumanizava, exterminava e subjugava os povos considerados inferiores.

Não obstante, é mister pensar em propostas literárias que possam edificar uma base realista para a compreensão dessa mulher que está engajada na produção literária. Para tanto, é igualmente preciso que se suscite, através dos estudos, o debate. Uma atenção verdadeiramente voltada à mulher preta, como ela tem sido construída na literatura no decurso do tempo, compreendendo sua relevância para o campo da arte literária, oferecendo oportunidades para a amplificação das vozes de mulheres negras. É improtelável ouvi-las, considerando que têm muito a ensinar e que mesmo na contemporaneidade continuam sendo negligenciadas.

2 ESPAÇO LITERÁRIO MARCADAMENTE FEMININO

É necessário atentar às outras vozes e aos outros corpos que estão em diferentes espaços sociais. Sobre os lugares e o modo de enunciação, comenta Regina Dalcastagné (2007):

A questão é que esses lugares legítimos de enunciação ainda são ocupados predominantemente por homens, instalados, é claro, em sua própria perspectiva social. A dificuldade surge porque, mesmo que sejam sensíveis aos problemas femininos e solidários (e nem sempre o são), os homens nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente (DALCASTAGNÉ, 2007, p.128).

Retomando as ideias de Dalcastagné, o que acontece na literatura é que, mesmo nas histórias e nos romances literários, as mulheres não ocupam um lugar de destaque em autorias e menos ainda como personagens. Estão sempre sendo sub-representadas, o que mantém suas vozes e suas colocações importantes abafadas acerca de temas que simbolizam o que é ser mulher. Se comparada a personagens e autores masculinos, a expressão da Literatura feminina na perspectiva nacional ainda é apenas um sussurro perto de toda a repercussão que gera a Literatura masculina. As diferenças entre as produções literárias femininas e masculinas são de grande proporção. Para exemplificá-lo, dão-se a conhecer os números de obras escritas por mulheres em que as personagens femininas totalizam 52%. Já nas obras cunhadas por homens, esse número é no geral 32,1% (DALCASTAGNÉ, 2007, p.129). Isso significa que se menos mulheres estiverem produzindo, menor será a visibilidade das personagens femininas.

É evidente que mulher e homem têm mais familiaridade com seus próprios universos, mas as autoras constroem quase a metade de seus personagens como homens, já os autores têm muito pouco da personagem feminina povoando suas obras. Essa é uma forte diferença que se faz conhecer na literatura pela predominância masculina e pelo fato de as mulheres terem um contato constante com tudo que diz respeito ao masculino. E assim prossegue Dalcastagné (2007):

O corpo da personagem é descrito com muito mais detalhes quando a autoria é feminina – elas estão dentro do peso ou são magras também, mas têm cabelos escuros e mais curtos. São mais preocupadas e descontentes com o próprio corpo do que aquelas produzidas por homens. E são, principalmente, muito mais saudáveis (DALCASTAGNÉ, 2007, p.131).

Portanto, quanto a esse aspecto, existe uma discrepância na literatura entre as personagens elaboradas por mulheres e aquelas elaboradas por homens. Pode-se dizer que há uma tentativa de o homem conceber em suas obras o “ser mulher” sem conhecer totalmente o que isso abrange, descrevendo as personagens femininas a partir de uma perspectiva pela qual

elas são, de um modo recorrente, frágeis e dependentes. Sobre a perspectiva da sexualidade em obras produzidas por mulheres, Dalcastagné (2007) acrescenta o seguinte:

Dentro dessa mesma linha, as autoras descrevem mais cenas sexuais e com maior detalhamento – talvez a necessidade de marcar um espaço de liberdade de expressão, talvez uma tentativa de, finalmente, mostrar o sexo por uma perspectiva feminina (DALCASTAGNÉ, 2007, p.131-132).

Depreende-se que a sexualidade, assim como o corpo da mulher, são assuntos dos quais a escrita feminina inteira-se com mais detalhes e de uma maneira muito cuidadosa. Não são deixados de fora os temas contemporâneos, tais como a questão do aborto e do próprio feminismo, que realoca e insere a mulher em espaços que ela deve ocupar, bem como não tangencia questões como racismo, opressão e violência doméstica.

O fato de as mulheres escreverem sobre temas que a elas pertencem não deve ser considerado um apocalipse literário, como aponta Beauvoir (1970): “Creio que para elucidar a situação da mulher são ainda certas mulheres as mais indicadas” (BEAUVOIR, 1970, p.21). As mulheres que liam uma literatura majoritariamente escrita por homens, que em muito pouco ou em nada as representava, agora são as autoras que escrevem e que necessitam também serem impulsionadas pela crítica literária a ocuparem os lugares de destaque. É válido lembrar que o incômodo do homem e da sociedade de um modo geral sobre tudo o que se relaciona à mulher tem raízes antigas. Segundo Beauvoir (1970): “Toda a literatura cristã se esforça por exacerbar a repugnância que o homem pode sentir pela mulher” (BEAUVOIR, 1970, p.211). E isso tem reflexos intensos até hoje em todos os âmbitos da vida da mulher. Não seria diferente no espaço literário. Porém, em razão da soma dos esforços das mulheres que produzem a arte literária, o caráter excludente da literatura vem perdendo força.

No campo literário, é importante suscitar a ideia da existência de uma literatura com uma vertente de autoria feminina preta, abordando o ato de pensar, fazer e veicular o texto da personagem também feminina preta.

Retomando o juízo de valor que os autores do sexo masculino fazem da mulher preta em suas obras, como mencionado na seção anterior, tem-se a visão da “mulata” estabelecida nas produções por tais autores. O viés pelo qual a apresentam é o da sensualidade e da sexualidade, feito que se iniciou a partir das produções do poeta Gregório de Matos. As

marcas de tal acontecimento estão imprimidas na atualidade no que diz respeito à personagem preta. *Grosso modo*, infere-se que desde muito cedo esse espaço literário, que deveria também ser destinado à mulher preta tanto quanto a autores brancos, é-lhe negado por questões de base racial.

Almeida e Evaristo (2001 *apud* EVARISTO, 2009) ressaltam que o índio e o europeu são personagens que, com alta frequência, ocupam o espaço literário, pois a mestiçagem brasileira está, desde a mais tenra obra, relacionada a ambos. O indígena como aquele que ocupava as terras nacionais, e o português como aquele que imprimiu o caráter nacional às terras brasileiras. Por outro lado, a pessoa preta não chegou a ocupar esse lugar no cânone da literatura, como se não estivesse relacionada à origem da brasilidade. Por essa razão, o reconhecimento de uma via de produção literária com o protagonismo da mulher preta é tão difícil de ser feito pela crítica em geral, dificultando sua consolidação.

No âmbito da linguagem, entende-se que falar é procurar meios eficazes de empregar, por exemplo, a sintaxe de uma língua e ser apto em sua morfologia. Principalmente, é reconhecer-se na própria cultura, assumir para si a civilização e arcar com seu peso (FANON, 2008, p.33). Assim, quando o vozeamento é ofertado a personagens pretas, é disto que se trata: estão assumindo sua história e o peso que ela carrega. E como falar é um ato dinâmico, a história será contada sob o ponto de vista de mulheres pretas não só para elas mesmas, mas também para o outro.

3 PERSONAGENS NEGRAS À MARGEM DA LITERATURA NACIONAL

A questão da representatividade não cabe, obviamente, somente à mulher branca, mas também à mulher preta, principalmente no que se refere à literatura. Esse é um assunto do qual também trata Pilar Lago e Lousa (2017):

O ato de representar nesse território cheio de armadilhas e disputas configura-se como um ato político, em que não apenas se escolhe quem

representar e dar voz, mas principalmente quem será rechaçado e silenciado. Com o advento da literatura marginal-periférica grupos considerados subalternos tomam posse da própria voz, rompem com intermediários e passam a ser sujeitos de seus próprios discursos, abalando de maneira irreversível as estruturas mais sólidas do cânone literário nacional (LOUSA, 2017, p.161).

É de conhecimento geral que o cânone literário nacional referido acima é composto em sua maioria por homens brancos, exibindo assim um perfil masculinizado. As poucas vozes femininas que são ditas de renome na arte literária quase nunca pertencem à mulher preta. É fundamental que o fazer literário seja mais abrangente, que a palavra esteja facultada a todos os gêneros, raças e classes. Pode-se afirmar que a literatura tem estado carente de conhecer, a partir da escrita feminina preta, bem como de entender sua representatividade. Como lembra Gombrich (1995), o olhar não consegue ir além da esquina; ele não a pode dobrar. Adotando esse modo de pensar para a literatura contemporânea, enxerga-se a necessidade de expandir os horizontes para além do livro publicado por editoras de renome, divulgado e premiado dentro do cenário nacional. Basta olhar para livros consagrados nacionalmente e notar onde, neles, habita a mulher preta. Desde o período colonial, sua representação na literatura tem sido estereotipada. De acordo com Duarte (2009):

De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial no que toca a representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar. Assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e a poesia de inúmeros autores (DUARTE, 2009, p.6).

Depreende-se que a mulher preta não é vista com a devida importância e respeito enquanto personagem do romance. Esse fato se perpetuou através do tempo, não só com relação a personagens pretas que tendem a ser inferiorizadas, mas também com relação a autoras que, ao fazerem literatura, não são levadas tão a sério quanto o homem escritor.

Ana Cláudia Duarte Mendes (2009) traz o ponto de vista do eu-lírico feminino em seu artigo ao analisar o poema “vozes-mulheres” de Conceição Evaristo. De acordo com a autora: “O poema apresenta as marcas de um eu lírico que tem consciência de seu fazer

histórico e tem seu lugar de discurso marcado pela cor de sua pele” (MENDES, 2009, p.114).

Vejam-lo:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha

recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

(EVARISTO *apud* MENDES, 2009, p.116)

Essa composição é uma das mais conhecidas da escritora Conceição Evaristo, a qual tematiza a história de mulheres negras em gerações passadas pertencentes ao mesmo seio

familiar. O eu-lírico descreve o cotidiano e o sentimento, narrando uma história dolorosa marcada pela opressão. A bisavó é o retrato de inúmeras pretas, sequestradas e trazidas a contragosto para o Brasil em navios. A avó passou pelo período cinzento da escravidão, do trabalho exaustivo e da obediência forçada. A geração da mãe trabalhou como empregada doméstica. A vida continua a ser dura, e sua existência é marginalizada. Contudo, a noção de resistência começa a ecoar em meio às privações impostas. A voz da filha dá continuidade ao caráter futurista, embora carregue toda uma herança de sofrimento consigo. Representa o avanço, a mudança, a promessa da tão aguardada e merecida liberdade.

Ao longo dos versos, percebe-se logo a afirmação da identidade preta, o sentimento de pertencimento. A poetisa assume o discurso. Esse fato ajuda a pontuar a existência de uma literatura desenvolvida por mulheres pretas, a qual não é reconhecida como deveria por causa do racismo. Aquilo que Evaristo transpõe para o poema foi vivido por seus iguais, e os fatos do passado transparecem em seu fazer literário com constância. O poema pode ser considerado como uma confirmação de que, quando consolidada, a literatura realizada por mulheres pretas é plena e completa e que não carece da necessidade de usar a imagem da personagem negra em uma vertente que a sensualiza ou a animaliza, assim contrariando e desvalorizando como costumavam fazer muitos autores em diferentes épocas. Nesse contexto, ao invés de estar à margem do texto literário, o feminino preto é inserido em uma posição central, tanto em referência à autoria quanto com referência à personagem de ficção.

A mulher preta tem habitado um espaço pouco prestigiado nas produções literárias ao longo de anos, uma vez que a ela é imputada a representação de uma sexualidade perigosa, que beira ao profano, e da mãe preta, que necessariamente põe os filhos das senhoras à frente dos seus. A personagem feminina preta não representa o papel de heroína, no qual o leitor possa buscar inspiração; não traz nenhum veio romântico sequer. A ela, é negado esse tipo de representação (EVARISTO, 2009).

Com isso em mente, a não representação da mulher preta como ícone importante para a literatura pode significar um apagamento da importância da personagem preta para a formação da literatura nacional. Quando a mulher preta é retida nas imediações da literatura nacional, a ela está sendo negada a oportunidade do vozeamento e, nesse caso, a literatura acaba por se descaracterizar política e socialmente.

A importância do vozeamento para a personagem preta é para que ela consiga transpor em obras os seus anseios, que são também de toda uma minoria de mulheres pretas. É também através da literatura que suas questões sociais se dão a conhecer.

Na década de 1980, o movimento feminista passou a dispor de uma força maior. Nessa época, sua explosão acabou por ganhar também um público-alvo maior. Ilustrando-o, tem-se a autora Conceição Evaristo. As causas femininas pretas começaram a ganhar maior visibilidade no campo literário com base nos escritos da já mencionada autora para os *Cadernos Negros*, série literária independente que trata de textos afro-brasileiros concebidos por jovens estudantes que pretendiam promover uma arte literária propriamente negra. É inegável que as mulheres pretas que se arriscaram na produção da arte literária retiraram a vertente literária preta do limbo e a elevaram. Nesse contexto, o ponto que não deve ser esquecido é o de que essa produção não deve estacionar.

Em contraste, outro ponto que importa contemplar é que a literatura segue marginalizando o ser preto, associando-o à pobreza e à servidão. Como lembra Souza (1983): “O belo, o bom, o justo e o verdadeiro são brancos” (SOUZA, 1983, p.5). É como se a representação que os autores fazem da personagem preta continuasse relativamente a mesma desde os tempos da escravidão e posteriormente da “abolição” do regime, em que nada do que é considerado benéfico se relaciona ao preto. E, por muitas vezes, as pessoas pretas, essencialmente as mulheres pretas, carregam consigo o estigma da inferioridade, o que se confronta com o espaço que devem ocupar, não só na literatura em particular, mas também no mundo em geral. Em referência a essa questão, observe-se o último discurso da personagem *Clara dos Anjos*, elaborada por Lima Barreto (1922):

Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:
— Mamãe! Mamãe!
— Que é minha filha?
— Nós não somos nada nesta vida (BARRETO, 1922, p.77).

Mesmo que a obra possua um veio crítico-social sólido, o fato é que ainda se faz presente a associação da mulher negra a insignificância. É colocada em voga a sua total insignificância em meio a uma sociedade racista e misógina, de modo que a serventia e o

prestígio da mulher são classificados a depender da cor da pele. E o grande pesar é que, após tantos anos, pouca evolução pode ser notada no tocante a esse aspecto.

4 REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS NEGRAS FEMININAS

Sob o intento de fornecer mais excertos a evidenciarem o que se veio dizendo até aqui neste trabalho, começemos por um que trata da incapacidade literária de compor uma heroína negra. Bernardo Guimarães em *A escrava Isaura* (1875) constrói a protagonista de modo a afastá-la de seus traços reais. Observemos esse feito na passagem a seguir.

Fugiu da fazenda do Sr. Leôncio Gomes da Fonseca, no município de Campos, província do Rio de Janeiro, uma escrava por nome Isaura, cujos sinais são os seguintes: Cor clara e tez delicada como de qualquer branca; olhos pretos e grandes; cabelos da mesma cor, compridos e ligeiramente ondedos; boca pequena, rosada e bem feita; dentes alvos e bem dispostos; nariz saliente e bem talhado; cintura delgada, talhe esbelto, e estatura regular, tem na face esquerda um pequeno sinal preto, e acima do seio direito um sinal de queimadura, mui semelhante a uma asa de borboleta (GUIMARÃES, 1875, p.51).

Sabe-se que o livro referido pertence ao estilo de época do Romantismo, que predominou durante os anos de 1836 e 1881. Entretanto, ao inserir uma mulher branca com traços totalmente desvinculados dos de sua mãe, uma mulher preta, o racismo torna-se ainda mais evidente. Todos os atributos postos em Isaura terminam por distanciá-la de sua condição de mulher preta. Talvez esse fato “se justifique” como uma tentativa do autor de fazer com que a protagonista fosse aceita pelo público leitor da época, cuja maior parte era composta de burgueses (JESUS, 2015, p.12). No que concerne às demandas enunciativas da figura preta em obras literárias, ressalte-se uma das passagens do romance *O tronco do ipê* (1871), de José de Alencar:

Alice chegava com Adelia e as mucamas:

— Adeus, papai Benedicto; como vae vovó?

— Chocando, chocando, nãnhã! Emquanto não tirar aquella cafifa do corpo, não fica bôa!

A cafifa da tia era um rheumatismo chonico, mas de accessos periodicos, que a punham de cama e tolhida por muitos dias.

— Eu vim visitar a ella. Mamã mandou.

— Deus lhe pague, nhanhã. Vae; ella hade ficar muito contente.

A linguagem dos pretos, como das crianças, offerece uma anomalia muito frequente. E` a variação constante da pessoa em que falla o verbo; passam com extrema facilidade do *elle* ao *tu*. Si corrigissemos essa irregularidade apagaríamos um dos tons mais vivos e originais dessa frase singella (ALENCAR, 1871, p.56).

Após os momentos de fala do personagem pai Benedito, Alencar dispõe o comentário de que o preto possui um déficit na linguagem, e generaliza, dizendo ser próprio de cada preto as falhas enunciativas. É nítido que, nas ocasiões em que o personagem preto se manifesta nos textos, seu linguajar tende a ser inferiorizado, dito menor, desprestigiado. O mesmo se aplica às personagens femininas pretas representadas em textos literários. Leve-se em conta que a enunciação prestigiada na época era a do homem branco. Evaristo (2009) tece um comentário a respeito do mesmo personagem: “Dotado apenas de uma linguagem gutural, se expressa por meios-terminos, e ao tentar se comunicar em português, isto é, ao usar a linguagem do colonizador, se perde na colocação dos pronomes feito criança” (EVARISTO, 2009, p.22).

A linguagem do homem preto é dita primitiva e não sabendo (re)manejá-la, conquanto tente imitar a fala do português. Assim procurando fazer, ele não enxerga o colonizador como seu algoz, mas sim como um modelo no qual se inspira e em tudo anseia ser igual. E, novamente, a história é enunciada pela perspectiva da branquitude.

Compreende-se que a mulher preta é apreciada na literatura masculina branca segundo a ótica que a reduz a uma sexualidade que beira ao perigo. Acerca desse aspecto, chama atenção o trecho de *O cortiço* (1890), de Aluizio Azevedo:

Naquella mulata estava o grande mysterio, synthese das impressões, que elle recebeu chegando aqui: ella era a luz ardente do meio dia; ella era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas mattas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o assucar gostoso; era sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com seu azeite de fogo; ella era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo delle, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambedidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquelle amor septentrional, uma nota daquelle música feita de gemidos de prazer, uma larva daquelle nuvem de cantharidas que zumbiam em torno de Rita Bahiana e espalhavam-se pelo ar numa phosphorescencia aphodisiaca (AZEVEDO, 1890, p.110).

Azevedo concebe a personagem Rita como uma “mulata” agraciada de beleza. No entanto, ela é também a personificação do pior lado da mulher. A “mulata” é sensual, mas a ferocidade que lhe impuseram a animaliza, é a mancha no seio familiar de Jeronymo, sua “vítima”. Nessa parte do texto, em especial, a mulher compila o algoz, e o português aparece vitimizado. O texto literário não trata, como escolha do homem branco, do envolver-se ou não com a mulher. Pelo contrário, esse envolvimento é fruto das armadilhas dela.

Nessa conformidade, a mulher preta na literatura corresponde reincidentemente ao mau em detrimento do bom e do belo. A respeito desse fato e dos rótulos postos na personagem, frisa Rassi (2015):

Com Rita Baiana, apesar da alegria e da sensualidade, não é diferente: é retratada da mesma forma, pelo preconceito, sendo exposta como uma mulata degradada em um ambiente marginal, desvantajoso socialmente e amplamente favorável à devassidão (RASSI, 2015, p.61).

Portanto, a obra azevediana constitui a personagem de modo a expor as práticas consideradas libidinosas naquele período para o leitor, não obstante a imagem de Rita em todos os momentos de o enredo ser distinta das demais personagens, trata-se da hipersexualização dos corpos negros.

Outra caracterização que se faz da mulher preta nas obras é a de mulher-natureza, aquela que é julgada incapaz de entender as normas e os contratos sociais. Para ilustrá-lo, seja um fragmento de *Gabriela, cravo e canela* (1958), de Jorge Amado:

Talvez porque ela risse, Nacib concluiu que não servia. Essa gente vinda do sertão, esfomeada, era capaz de qualquer mentira para conseguir trabalho. Que podia ela saber de cozinha? Assar jabá e cozinhar feijão, nada mais. Ele precisava de mulher idosa, séria, limpa e trabalhadora, assim como a velha Filomena. E boa cozinheira, entendendo de temperos, de pontos de doces. A moça continuava parada, esperando, a fitá-lo no rosto. Nacib sacudiu a mão sem achar o que dizer: – Bem... Até outra. Boa sorte. Virou as costas, ia saindo, ouviu a voz atrás dele, arrastada e quente: – Que moço bonito! Parou. Não se lembrava de ninguém achá-lo bonito, à exceção da velha Zoraia, sua mãe, nos dias de infância. Foi quase um choque. – Espere. Voltou a examiná-la, era forte, por que não experimentá-la? – Sabe mesmo cozinhar? – O moço me leva e vai ver... Se não soubesse cozinhar, serviria ao menos para arrumar a casa, lavar a roupa. – Quanto quer ganhar? – O moço é que sabe. O que quiser pagar... – Vamos ver primeiro o que você sabe fazer. Depois

acertamos o ordenado. Lhe serve? – Pra mim, o que o moço disser, tá bom. – Então pegue sua trouxa. Ela riu novamente, mostrando os dentes brancos, limados. Ele estava cansado, já começava a achar que tinha feito uma besteira. Ficara com pena da sertaneja, ia levar um trambolho para casa (AMADO, 1958, p.98).

A “mulata” em um primeiro momento é percebida por Nacib apenas para fins utilitários, e ele acredita que nem para os serviços domésticos ela está apta. As cozinhas eram espaços ocupados por senhoras pretas, as quais tinham utilidade apenas para lavar, limpar e cozinhar. Nesse excerto, Gabriela é retratada como “mulata” sertaneja abobajada que traria mais custos do que benefícios para seu empregador. Verifique-se o que diz Araújo (2014) acerca de tal passagem:

A seguir, Nacib contrata Gabriela no mercado de escravos e a leva para casa, sem sequer notar sua beleza, escondida no corpo imundo e nas roupas encardidas. Depois do jantar em que se é declarada a oposição política entre Mundinho Falcão e o coronel Ramiro Bastos, Nacib volta para casa e se encanta com Gabriela, quase desnuda, deitada na cadeira, a esperar por ele (ARAÚJO, 2014, p.38).

Nacib não se encanta por nenhuma das habilidades de Gabriela, nem pelo seu modo de pensar. O deslumbre só acontece quando ele vê o corpo da mulher. Disso, contata-se a objetificação do corpo feminino, precipuamente do feminino preto, realizada pelo masculino. O personagem tinha poucas expectativas para com pessoas como a “mulata”, provavelmente por causa dos preconceitos que tinha sobre a moça. Conclui-se que, além de um machismo que ficará mais evidente na obra à medida em que ela é construída, há também as problematizações de raça. Gabriela destaca-se no romance pela relação que estabelece com o turco e pela sua beleza que logo começa a não passar despercebida, não esquecendo do seu atrevimento, que, naquele tempo, era considerado inapropriado. Contudo, talvez lhe tenha faltado o destaque fundamental: a mulher corajosa, que peregrinou de seu sertão em busca da sobrevivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a discussão apresentada neste trabalho, partiu-se inicialmente do levantamento bibliográfico pertinente, cuja porção julgada mais relevante formou-se em referencial teórico ligado ao nosso tema. Argumentou-se a favor de uma literatura preta feminina. No percurso, foi observado que os homens na literatura tendem a optar por discorrer sobre seu próprio universo masculino. Apesar disso, frequentemente acreditam ser legitimados para escrever sobre as mulheres. Romanelli (2014) declara:

O escritor Luiz Ruffato, homem, branco, publicou duas antologias pela editora Record sobre escritoras mulheres: “25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira” (2004) e “+ 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira” (2005). Ninguém, homem ou mulher, publicaria uma antologia sobre escritores homens: não é necessário. Não há uma antologia de 25 homens que estão fazendo a nova literatura brasileira. Eles são o padrão (ROMANELLI, 2014, p.10).

Sem perder de vista esse padrão estabelecido na literatura brasileira, designou-se aqui a visibilidade do feminino, com mais afinco àquela da personagem preta. Um dos dados que colaboraram para isso foi a porcentagem apresentada por Dalcastagné anteriormente citada, a qual mostra que o número de personagens femininas que estão presentes em obras de mulheres é muito maior do que aquele presente em obras de homens; seja personagens, seja narradoras. Os homens que fazem literatura dão pouca ou nenhuma importância a isso e, quando as representam, fazem-no de um modo frequentemente avesso.

De acordo com o mesmo estudo, a representação que os autores fazem da mulher a coloca como o lado mais frágil da história e com menos inteligência emocional para suportar as situações de extrema pressão psicológica. E isso vem do real para o texto, pois fora da ficção as mulheres também são percebidas pelo universo masculino dessa forma, e até pouco tempo atrás a maioria das mulheres fazia esse juízo de si mesma.

Outro ponto relevante que ficou claro após nosso recorte bibliográfico é a essencialidade dos estudos de mulheres sobre seu papel na literatura. Isso tem ajudado a mudar as ideias e os juízos de valores que a sociedade, sem mesmo consultá-la, tem construído sobre a mulher e ajudado ainda a permitir que ela contradiga as opiniões.

Afinal, a mulher deve construir por si mesma sua ideia a respeito de como comportar-se, da violência praticada contra ela, da sua sexualidade, entre outros tantos temas que dizem respeito primeiramente a ela. Obviamente, ao escrever sobre o universo feminino,

o homem pode e deve ser empático, mas que esse lugar de lutas e de dores, principalmente quanto à cor da pele, torna-se um quesito da mulher para se sobressair na literatura ou não. A personagem feminina preta tem propriedade o bastante para falar por meio do texto sobre seu próprio mundo.

No Brasil, as mulheres são menos publicadas pelas editoras. Todavia, nossa discussão ajudou a entender que talvez a questão não seja quem é mais ou menos publicado, mas sim como as obras pretas femininas têm sido apresentadas à crítica literária e ao público em geral, indo-se além para superar a ideia imprecisa sobretudo difundida por homens de que mulheres produziram literatura para outras mulheres, o que acabaria por afastar os leitores masculinos.

No entanto, é também importante que haja leitoras mulheres da literatura feita por mulheres, com destaque aqui àquela feita por autoras pretas. Assim, reconhece-se que é necessário que as mulheres aproximem-se dessas obras, num ato a lhes beneficiar com o (re)conhecimento de si mesmas e de seu próprio universo. Até porque esse exercício pode estimulá-las a questionar os discursos a seu respeito, a estrutura desses discursos e a responsabilidade pela estruturação atinente.

Um apontamento adicional tem a ver com a dificuldade feminina não ser a de escrever, mas sim a de ser publicada. Essa não é uma problemática recente. Ela teve início muito tempo atrás, quando homens recebiam educação de qualidade e, muito por conta disso, tornavam-se grandes autores e, assim, escreviam seus nomes no cânone literário, enquanto as mulheres mantinham-se em casa e preparavam-se para o momento do casamento e, quando casadas, mantinham-se ocupadas cuidando do lar, do marido e dos filhos. As mulheres em geral eram mantidas longe do conhecimento e da instrução, mas as mulheres pretas em particular não tinham normalmente acesso sequer a um pedaço de papel por não saberem nem ler. Em conexão com isso, constata-se que a mulher preta em particular foi direcionada no sentido da sub-representação, deixando a verdadeira atuação para os brancos.

Como exposto, quando não tinham seus corpos objetificados, as mulheres pretas serviam apenas para a mão de obra e para obedecer, não importando as condições às quais eram submetidas. Assim o foi também na literatura por muito tempo e, de um modo menos evidente, continua a ser, de maneira que só com o levantamento dessas questões pelas escritoras, por um lado, e com o incentivo perante a sociedade e a crítica literária de que é

urgente conhecer e valorizar as obras desenvolvidas por mulheres pretas, por outro lado, é que o cenário da literatura nacional passará a ser mais efetivamente plural, menos excludente. A proposta é que a mudança de fato aconteça, através dos estudos sobre o papel que o a mulher negra cumpre na literatura e sobre o diferencial dessa escrita.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José. **O Tronco do Ipê**. 1.ed. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1871.

AMADO, Jorge. **Gabriela Cravo e Canela [1958]**. Disponível em <http://lelivros.love>. Acesso em 21 de Setembro, 2021.

APPEL, Genro Marta Lia. **A escrita feminina contemporânea: retratos de uma época**. Signos, ano 31, n. 1, p. 51-57, 2010.

ARAÚJO, Fortunato Clarice. **Nem do Cravo Nem da Canela: o entre-lugar da mulher mestiça em Gabriela de Jorge Amado**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014

AZEVEDO, Aluizio. **O cortiço**. 1.ed. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1890.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos [1922]**. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br> Acesso em 08 de Setembro, 2021.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é escrita feminina**. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. Língua e literatura, v.16, n.19, p.119-101,1991.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Imagens da Mulher na Narrativa Brasileira**. O eixo e a roda. v. 15, São Paulo, 2007.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. 1944. Recurso eletrônico. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 1981.

DUARTE, Assis de Eduardo. **Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade**. Terra roxa e outras terras: Revista de estudos literários. v.17, Londrina, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta.v.13, n.25, p.17-31. Belo Horizonte, 2009.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMBRICH, E. H. **Arte e ilusão: um estudo da psicologia representação pictórica.** Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GUIMARÃES, Bernardo. **Escrava Isaura [1875].** Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 26 de Setembro, 2021.

JESUS, Osmar de Wilson. **Preconceito Racial: estudo crítico-reflexivo da obra literária a escrava Isaura de Bernardo Guimarães.** Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva.** 1.ed. Brasil: Rocco, 1973.

LOUSA, Pilar Lago e. **Corpo, Voz e Resistência: a desconstrução da representação feminina nas obras poéticas de Elizandra Sousa.** Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2017.

MENDES, Duarte Cláudia Ana. **Eco e Memória: “vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo.** Terra roxa e outras terras: Revista de estudos literários. V.17, Londrina, 2009.

PEREIRA, Souza Cecília Maria e CARMO, Felix do Tavares Lyvia. **A Construção de Uma História das Mulheres: Uma Abordagem Transdisciplinar.** EDUCERE, 2015.

RASSI, Santiago Werianny. **Damas “Negras”: de Isaura a Rita Baiana e Bertoleza - a construção da personagem feminina.** Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

REIS, Maria Firminina. **Úrsula.** San´Luiz. Império do Brasil, 1859.

RODRIGUES, Ventura Aparecida Vanessa. **O Estigma da Branquitude nos Escritos de Lygia Fagundes Telles.** Periódicos: Pontifícia Universidade Católica de Minas. Araraquara, 2020.

ROMANELLI, Marina. **A Representatividade Feminina na Literatura Brasileira Contemporânea.** Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2014.

SOUSA, Oliveira de Luciana. **Parque Industrial - A Literatura Feminina Engajada de Patrícia Galvão/Pagu.** Desenredos. Ano IV, N.13, Teresina, 2012.

SOUZA, Santos Neusa. **Tornar-se Negro.** 1.ed. Rio de Janeiro: Sindicato nacional dos editores de livros, 1983.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
(X) Artigo

Eu, Shirley M Pereira da Silva,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02
de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente,
sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
A Presença da Personagem Negra Feminina na Li-
teratura Brasileira
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de
divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 25 de Janeiro de 20 22